



DISCRIMINAÇÃO DE GÊNERO EM AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO ENSINO MÉDIO

Daniel Cantanhede Behmoiras¹
Ingrid Dittrich Wiggers²

PALAVRAS-CHAVE: Esporte; Gênero; Escola; Ensino Médio.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo analisar de que forma o esporte vem sendo abordado no ambiente escolar, particularmente em duas escolas públicas de Ensino Médio, situadas no Distrito Federal. No âmbito desse serão evidenciados aspectos referentes ao tratamento entre os gêneros observados em aulas de Educação Física, especificamente em atividades esportivas, pois esse tema assumiu uma posição central na análise do conjunto dos dados produzidos em campo.

A diferença no tratamento de gênero tem uma repercussão que extrapola o ambiente escolar, considerando-se casos mais graves de violência contra a mulher. Dados divulgados no Mapa da Violência (2012) expõem o crescimento da taxa de homicídios. Em 2010, por exemplo, foram registrados 4.465 assassinatos, o que representou aumento de 20%, comparando-se ao ano 2007, e de 230% em relação ao ano 2000. Essa situação social é de extrema relevância e cabe ser analisada no âmbito escolar. Da mesma forma, faz-se necessário problematizar a diferenciação de gênero como parte de aulas de Educação Física, buscando-se uma conscientização e transformação de atitudes.

METODOLGIA

Este estudo privilegiou a abordagem qualitativa, por meio de trabalho de campo desenvolvido em duas escolas públicas localizadas em uma Região Administrativa do Distrito Federal. Vale salientar que a localidade é habitada principalmente por moradores de baixa renda econômica, que trabalham em Brasília, região central localizada a cerca de trinta quilômetros (GDF, 2010). Participaram do estudo sessenta e cinco estudantes de ambos os sexos, com idade entre 16 e 19 anos, do 3º ano do Ensino Médio. Como instrumentos de coleta de dados foram utilizados o grupo focal (GATI, 2005), com a formação de grupos entre seis e oito estudantes, observação da prática pedagógica e produção de vídeo. O vídeo foi fundamentado nas proposições da mídia-educação (BELLONI, 2005), cujo processo foi protagonizado pelos próprios alunos e resultou em um curta¹ de três minutos de duração, que enfocou a discriminação de gênero em aulas de Educação Física.

¹ Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=YZUMGMcFDwY>

ANÁLISE E DISCUSSÃO

A pesquisa identificou claramente, em ambas as escolas participantes, um tratamento diferenciado entre os gêneros masculino e feminino, nas aulas de Educação Física. Durante as aulas na Escola 1 o professor dividia a turma entre meninos e meninas, sendo que cada grupo tinha uma semana para utilizar a quadra esportiva, de forma intercalada. Assim, quase não havia interação entre os gêneros, pois trabalhavam de forma separada, como afirmou um dos estudantes pesquisados.

“É uma divisão bastante explícita, desde que eu comecei a estudar aqui sempre teve essa divisão” (Menino 1, Escola 1).

Em poucas ocasiões ocorreram aulas em que os dois grupos interagiram. As meninas demonstraram, durante o grupo focal, sentimento de discriminação e marginalização, conforme relatou uma delas.

“[...] ficava muitas vezes mulher sem fazer gol por causa da “fominhagem” dos meninos [...] e a gente sempre ia pro gol” (Menina 2, Escola 1).

Já na Escola 2 o professor deixava as aulas práticas livres, assim os meninos tomavam conta da quadra esportiva, impossibilitando que as meninas tivessem o direito de utilizar esse mesmo espaço, como destacou uma estudante.

“Agora quando o professor desce prá quadra, os meninos já pegam a quadra e já tomam o espaço e a gente fica de lado, de fora. Daí aproveitamos para bater papo, fofocar” (Menina 6, Escola 2).

Esse tipo de comportamento masculino não pode ser interpretado de uma forma natural. Altmann e Sousa (1999) alertam para o fato de os estudantes chegarem à escola com uma bagagem prévia de crenças, significados, valores, atitudes e comportamentos advindos de fora da escola. Nessa perspectiva, Vigotski (1998, p. 110) discorre que “o aprendizado das crianças começa muito antes de elas frequentarem a escola. Qualquer situação de aprendizado com a qual a criança se confronta na escola tem sempre uma história prévia”. Outra justificativa é a diferença biológica. Contudo, esse discurso esconde relações de poder “marcadas pela dominação masculina, que mantiveram a separação e a hierarquização entre homens e mulheres, mesmo após a criação da escola mista, nas primeiras décadas deste século” (ALTMANN e SOUSA, 1999, p. 57).

A imagem construída da mulher dotada de fragilidade, docilidade, sentimentos e emoções e a imagem do homem dotado de força e razão se reflete nas aulas de Educação Física. Historicamente para as meninas destinam-se atividades sem contatos corporais e movimentos suaves. Já o futebol e basquete são destinados aos meninos, por exigirem maior esforço, movimentos violentos, confronto e contato entre os corpos, servindo de espaço para a manifestação de toda a virilidade masculina (ALTMANN e SOUSA, 1999). Isso nos permite avaliar a fala de um dos meninos:

“As aulas devem ser divididas mesmo, que o homem é mais forte, é mais agressivo. Isso é positivo” (Menino 2, Escola 1).

CONCLUSÕES

As práticas educativas observadas não evidenciaram uma intervenção docente sobre

essas questões, contribuindo, assim, para o processo de naturalização da discriminação de gênero, hierarquização das relações e compreensão da mulher como sexo frágil e incapaz de jogar com os homens no âmbito das aulas de Educação Física. Por outro lado, as representações de gênero evidenciadas entre os alunos representariam uma possibilidade pedagógica de problematização dessas questões, com vistas à superação e transformação da realidade, compreendendo-a como um fenômeno que não é natural, mas uma construção histórica e social (SARAIVA, 2005). A escola, por meio da interação social entre os estudantes, se constitui como um espaço privilegiado para construir relações não-hierarquizadas entre homens e mulheres, que possivelmente atravessarão os muros escolares.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena; EUSTÁQUIA Salvadora de Sousa. *Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar*. Cadernos Cedex, v. 19, n. 48, ago./1999. p. 52-68.

BELLONI, M. L. *O que é mídia-educação*. 2. ed. São Paulo: Autores Associados, 2005.

GATTI, Bernardete Angelina. *Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas*. Brasília: Líber Livro, 2005.

MAPA DA VIOLÊNCIA. *Atualização: homicídios de mulheres no Brasil*. Flacso, 2012.

SARAIVA, Maria do Carmo. *Co-educação física e esportes: quando a diferença é mito*. 2. ed. Ijuí: Unijuí, 2005.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. *A formação social da mente*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

¹ Mestre em Educação Física pela Universidade de Brasília (UnB). Professor da Faculdade de Educação Física da UnB. E-mail: danielcanta1@gmail.com

² Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora da Faculdade de Educação Física da UnB. E-mail: ingridwiggers@gmail.com